

Filosofia e Psicanálise

Apresentação da Contemporânea número 11, jan./jun. 2011

César Bastos¹

A escolha do tema para este número da revista Contemporânea – Filosofia e Psicanálise – consiste na emergência natural da necessidade de aproximar, comparar, incluir, perceber semelhanças e diferenças interdisciplinares e, se houver maior ousadia, procurar a interpenetração transformacional que podemos chamar de criação, ou transformação transdisciplinar. Tal objetivo vem se tornando imperioso para que possamos enxergar a magnífica paisagem que se descortina, quando se reúnem os conhecimentos oriundos da tradição, da literatura, da arte, da filosofia e da ciência, os quais viemos acumulando e catalogando, desde sempre, de forma separada.

Discorrer sobre o nascimento da psicanálise, a meu ver, inaugura uma revolução inter e transdisciplinar, pois, muito antes da questão do sujeito, interface privilegiada entre a psicanálise e a filosofia, fica destacada a questão biológica de instintos e pulsões. Se nos ativermos à escrita de Nietzsche em ‘Assim falou Zaratustra’, ali se apresenta toda questão com a qual Freud se conectou e desenvolveu na psicanálise.

Diz Zaratustra: "[...] o homem é uma ponte entre o animal e o além-do-homem. Uma ponte sobre o abismo. Perigoso ir em frente, impossível voltar atrás!"

O animal com seus instintos e o sujeito humano com seus vínculos, amores, tristezas, triunfos, lutos. Um ‘além do homem’, no sentido de que sempre haverá um ‘mais além do homem’. Somos destinados, por um fundamento da espécie, que é a consciência/inconsciência, a irmos sempre em frente, por maiores que sejam montanhas, águas e desertos a atravessar. Ir em frente na travessia desta ponte é almejar o sujeito e sua vincularidade. Consiste no próprio processo de hominização.

¹ Médico psiquiatra e psicanalista filiado à International Psychoanalytical Association. Professor da Escola de Psicanálise do ICPT. Diretor presidente do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e transdisciplinaridade de Porto Alegre. E-mail: cesarbas@terra.com.br

Quando falamos em uma ‘revolução transdisciplinar’, contida na psicanálise, devemos lembrar que esta ciência/filosofia nasceu bastarda da ciência oficial, da literatura, da medicina e da psicologia. Não pertencia a lugar nenhum. Antes representava esta transição entre o ‘animalitas’ e o ‘humanitas’.

Que ferramentas, porém, foram sendo usadas por Freud para criar o esqueleto metapsicológico com o qual articulou sua criatura? As ferramentas foram obtidas no campo da biologia, da filosofia, da antropologia, da literatura (Édipo Rei!), da física, que nos ensinava a mecânica dos fluídos, da tradição (os mitos), da observação médica do que os pacientes diziam, da história dos pacientes. Ou seja, nada da psicanálise veio da psicanálise, pois esta simplesmente não existia! Ela nasce da própria incorporação transdisciplinar de conceitos vindos de toda parte! Impossível construir uma teoria da amplitude que possui a psicanálise com base meramente em analogias e metáforas. O que ocorreu é que, de alguma forma, Freud atravessou transdisciplinarmente áreas aparentemente imiscíveis. Digamos que a teoria geral da psicanálise é um acontecimento transdisciplinar. Nos dias de hoje este acontecimento está em pleno curso, por menor que seja a percepção consciente sobre esta marcha, ela rufla seus tambores sob a forma de uma ‘crise’, pois, ou o saber vem se tornando endogamicamente redundante, ou se perde em discussões tais como, por exemplo, se a psicanálise consiste numa filosofia ou numa ciência, ou se é possível comprovar pela neurociência as descobertas psicanalíticas. Verdadeiras facções quase tomam armas em mãos! Tais sentimentos e ressentimentos acabam por ocultar que a psicanálise consiste em todas estas coisas e também em nenhuma delas! Oculta a compreensão de que se faz necessária uma ampliação no campo tanto da psicanálise, como da filosofia e da ciência, para que a fecundação se torne fértil, e possamos gerar concepções novas, a partir dos conhecimentos que, literalmente, ‘despencam’ de todos os lugares - a filosofia chamada da pós-modernidade; a revolução da informática que muda o futuro numa velocidade crescente em progressão geométrica; a neuropsicologia e a neurociência; as redes sociais; a crise nos vínculos familiares e conjugais; a superficialização cognitiva e emocional da juventude - e, de forma muito especial, da física quântica que nos introduz no conceito da existência de mais de um nível de realidade contido em uma mesma linha do tempo.

Embora tenha sido e ainda seja a alavanca da ciência, devemos procurar obter a consciência de que o paradigma da simplicidade somente é válido para o macrouniverso aparente. No entanto, simplicidade não deve ser confundida com alguma simplificação

didática que se desenvolva para melhor encaminhar a média das pessoas para maior compreensão do seu mundo. A complexidade, que é o paradigma que contém a necessidade transdisciplinar, apresenta-se quase ao natural perante a multidão de inquisições sem respostas. Muitas vezes complexidade é confundida com ‘complicado’ e isto pode entediar e afastar interlocutores contemporâneos, sem qualquer paciência para se defrontarem com quaisquer exigências que não consistam, tão somente, em uma forma de consumo fácil. Não sendo o ‘complexo’ algo ‘complicado’, talvez simplificar possa ser a grande qualidade do que podemos definir como ‘ambição’.

Apreciei conhecer alguns escritos de Luc Ferry, pois ele demonstra saber perfeitamente que a filosofia cria ‘um algo’ para que se possa pensar com algum método, da mesma forma que a psicanálise teve que dar um ‘esqueleto’ à própria psicanálise, para que esta seja articulada e pensada. Na psicanálise, a isto chamou-se de metapsicologia, para que confundida não fosse com uma psicologia do consciente.

Na filosofia, Ferry raciocina que existem três interrogações que fundamentam toda a filosofia. Algo como três grandes eixos, ao redor dos quais as grandes teorias, os grandes autores inevitavelmente orbitam, alguns de forma mais próxima, outros, mais distante.

O primeiro eixo é o da teoria, ou seja, da atividade intelectual que visa formar uma concepção do mundo natural, político e social. Nestes ‘*locus*’ nossa vida vai se desenvolver. É como conhecer o terreno onde o jogo da nossa vida será jogado. Podemos agregar, junto, o terreno interno de cada ser humano: seu território mais sagrado! Será o resultante destes fatores um terreno alegre? Ou melancólico? Ou de baixa autoestima? Ou caótico? Haverá riscos? Mistérios? Sonhos? Amores? Perdas? As emoções não necessitam ser opostas à razão, e esta ideia já é uma conquista para receber o sujeito em seu lar.

Ou seja, junto ao universo geral da teoria – que a filosofia desenvolve –, há um universo inconsciente que ‘empurra’ para alguns caminhos em particular.

O segundo grande eixo deriva do primeiro. Uma vez definido este complexo terreno, é preciso conhecer e/ou definir as regras, conhecer e/ou desenvolver as leis, pois este jogo é jogado entre todos, e esta prática ocorre em certos territórios interacionais que contêm tanto a moral quanto a ética. Quanto mal já não se fez, em quaisquer lugares, em nome da moral? Em

relação à ética esta possibilidade parece mais difícil, pois talvez ela seja, no fundo, antes de um juízo racional, um entranhamento do que haja de bondade em nós. Depende da concepção, do entendimento mais profundo de como deve se constituir o vínculo com os outros. Quase um significante do que seria o 'humano'.

O terceiro eixo é o delimitar o objetivo, a finalidade e o sentido do jogo. Aí já cairíamos fora da moral e estaríamos no caminho da espiritualidade, da sabedoria e da salvação. Uma salvação sem Deus, embora boa parte da filosofia medieval tenha se ocupado da salvação 'com Deus'.

Como exemplo da salvação 'sem Deus', pode-se evocar o estoicismo, na filosofia, onde *'theïlon'* significa 'divino' e *'orao'* significa 'eu vejo'. Apenas que isto nada tem a ver com um 'Deus transcendental', criador de coisas e mundos, mas sim com 'ordem' (*Kósmos*) e organização.

Desde cedo há grande confusão entre ordem e salvação. Podemos dizer que o homem sempre supôs que a salvação derivava de organizações assemelhadas às possibilidades obsessivas, as quais, sabemos pela psicanálise, constituem a fronteira entre as psicoses e as neuroses. Por outro lado, a transgressão sempre foi considerada como a 'não salvação'.

No entanto, nada se passou, de relevante, na história, sem transgredir 'a ordem', sem 'alguma forma de loucura'.

A psicanálise também busca a 'salvação' do homem. Seguramente a salvação do desamparo humano. Aparentemente, 'uma salvação sem Deus', mas com a presença 'vigilante' de toda idealização que, em última análise, desemboca no mesmo conceito dereístico, ora punitivo, ora salvador.

Se quiser conhecer a 'ideia de Deus' em plena filosofia/ciência psicanalítica, compareça numa reunião científica de qualquer grupo psicanalítico ou filosófico, ou até científico, que abrace, de forma exclusiva, determinado autor e suas ideias, e experimente questionar o que é *'sanctum'* naquela determinada teoria adotada. Você terá uma alta possibilidade de ver a racionalidade transmutar-se em totem, e a aceitação do diferente - tão propugnada pela moral - transmutar-se em 'tabu'.

Você talvez veja se desmanchar toda a coerência do discurso científico ou racional, e verá surgir, com toda força, o eixo da moral salvadora que emerge dos milênios, ou seja, fica confirmado o dogma formal de que sempre que existir determinado nível de organização das coisas, os demais níveis de organização devem ser excluídos, amputados, separados. Esta separação é, entretanto, missão impossível, pois uma articulação do pensamento engendra ou é engendrada por outra, antagônica, constituindo várias outras organizações do pensamento. Este fenômeno é ocorrente em todos os grupamentos humanos. O conceito, o totem, resiste ao bom senso, à racionalidade, à interpretação e se transmuta em tabu! É também uma forma primitiva de criar solidariedade dentro de um grupo, pelo antagonismo ao outro.

Assim são as coisas não por uma determinação inatista. Esta forma de ser e de pensar já vem transgeracionalmente filtrada. É também reforçada na família e ensinada no mundo, desde a mais tenra infância, pela lógica formal clássica, que concluiu, dos fenômenos do macrouniverso perceptível, e generalizou o conceito de que não pode existir um termo 'T', de terceiro, que seja, ao mesmo tempo, 'T' e 'NÃO T'. Pela generalização, esta lógica nos embreita. Na verdade, consiste na lógica que as crianças usam! Passamos a possuir ou a sermos possessão de um atroz *software* capaz de apresentar e gerar importantes níveis de paradoxos, sem fornecer instrumentos lógicos para compreendê-los. Isto gera crises (como a da psicanálise) e estanca a fluidez do conhecimento.

Já existem, no entanto, estudos filosóficos, derivados, por exemplo, da mecânica quântica, que apresentam a lógica de um 'terceiro incluído' que pode ajudar a compreender que a abstração filosófica (ou psicanalítica) não se constitui num simples intermediário entre o sujeito, o outro e a natureza como um todo - uma simples ferramenta intermediadora - como há séculos é suposto. Mas sim uma parte constitutiva do sujeito, do outro e da própria natureza.

Para que se possa perceber as coisas desta forma, há a necessidade de ampliar a realidade em seus diversos níveis, e isto alarga e estende o campo do conhecimento e das diversas ontologias, a um nível de complexidade que chamamos de transdisciplinaridade. Aqui o paradoxo não mais é um problema, mas sim a solução!

Não lhes parece que estamos num limiar do conhecimento que está a exigir uma nova filosofia, uma ampliada ontologia e mesmo uma nova psicanálise, voltadas a absorver as formas pelas quais outro nível de realidade (que nada mais é do que um conjunto de sistemas invariantes, radicalmente separado das leis do mundo macrofísico) obriga ao desenvolvimento de uma nova lógica que leve, em suas entranhas, à articulação de um sistema capaz de pensar e operacionalizar o fundamentalismo da mecânica quântica a qual nos ofereceu descobertas tais como *a descontinuidade* (entre dois pontos não há absolutamente nada!), a *não separabilidade* (as entidades quânticas prosseguem a interagir instantaneamente qualquer que seja seu afastamento no espaço) e *a causalidade global* (as coisas todas interagem simultaneamente) ?

Não se sabe, e muito menos há tecnologia para sabê-lo, se será possível, algum dia, a passagem ‘concreta’ do nível de realidade do microuniverso ao macrouniverso ou vice-versa. Mas sabemos as leis e possuímos a lógica interna dos dois universos. O quântico é o da hipercomplexidade e exige a conexão transdisciplinar pelo alargamento e pela sobreposição das fronteiras de cada área do conhecimento. O macrouniverso é o da simplicidade (evidentemente que o que se chama de ‘simplicidade’ é comparativamente ao anterior).

Finalmente e de forma direta: não lhes parece que os tempos são o de conhecer e mesmo reconhecer os caminhos que permitam a conciliação dos opostos?

Há muitos e instigantes temas para reflexão, o que me parece adequado à apresentação desta edição de nossa Revista Contemporânea, a qual visa tratar exclusivamente da interação da filosofia com a psicanálise.